

AFONSO LOPES VIEIRA POESIA

Organização e fixação do texto
JOSÉ MANUEL QUINTAS
MANUEL VIEIRA DA CRUZ

Com um estudo de
JOSÉ CARLOS SEABRA PEREIRA



Sumário

Nota editorial	II
<i>Os Versos de Afonso Lopes Vieira (1898-1924) [1927]</i>	15
Romanceiro I	17
O Pão e as Rosas.....	51
Monólogo do Vaqueiro	101
Romanceiro II	107
Ilhas de Bruma.....	107
Romanceiro III.....	155
País Lilás, Desterro Azul	155
Para os Piquenos Portugueses.....	199
Poesias sobre as «Cenas Infantis» de Schumann	205
Ao Soldado Desconhecido, morto em França	221
Cancioneiro I	225
Cancioneiro II	263
As Doze Canções do Ano.....	265
Cancioneiro III.....	289
Canções de Saudade e Amor	291
Novas Canções de Saudade e Amor	313
Canções Lunáticas.....	343
<i>Éclogas de Agora [1935]</i>	367
Écloga I	369
Écloga II.....	379
Écloga III	388
Écloga IV	392
Écloga V.....	400

<i>Onde a Terra se acaba e o Mar começa [1940]</i>	405
<i>Onde a terra se acaba e o mar começa</i>	409
Canções da piquena pátria	411
No signo de Camões	433
Cantares dos búzios	453
 Apêndice	497
Chave das alusões nas <i>Eclogas de Agora</i>	499
Índex de primeiros versos	503
 O Trovador de Portugal, por José Carlos Seabra Pereira	513
 Índice geral	707

Onde a terra se acaba e o mar começa

Os Lusiadas, III, 20.

ONDE a terra se acaba e o mar começa
é Portugal;
simples pretexto para o litoral,
verde nau que ao mar largo se arremessa.

Onde a terra se acaba e o mar começa
a Estremadura está,
com o Verde pinho que em glória floresça,
mosteiros, castelos, tanta pátria ali há!

Onde a terra se acaba e o mar começa
há uma casa onde amei, sonhei, sofri;
encheu-se-me de brancas a cabeça
e, debruçado para o mar, envelheci...

Onde a terra se acaba e o mar começa
é a bruma, a ilha que o Desejo tem;
e ouço nos búzios, 'té que o som esmoreça,
novas da minha pátria – além, além!...

CANÇÕES
DA PIQUENA PÁTRIA

MOUSINHO

TERRA de Portugal,
tão curta és que os olhos de um zagal
te podem abranger, tontos de azul,
se do cimo do outeiro
o zagal fica a olhar;
de um lado terras sêcas te limitam
(de lá nunca nos veio
bom casamento ou vento)
– mas do outro lado é o Mar!...

Lá para além do mar há terras nossas,
a Fé e o Império no-las foi criando
e tão nossas ficaram
pelo sangue, pela alma,
que até hoje por nossas se guardaram
entre ansiosas cobiças erriçadas
que as espreitam gulosas.

São as nossas *províncias*
– oh!, desterrai de vez
o nome vil *colónias*,
que não é português! –,
mas se ainda agora as temos,
o devemos àqueles
cavaleiros heróicos
que elevaram no mundo o nosso nome
em época tão triste,
quando as gentes dormentes cabeceavam
e a tais gentes dormentes governavam
ora o gato de um velho,
ora um advérbio morno.

Foram eles, os novos Amadises,
gentilíssimos ânimos
de modernos lusíadas
(alguns já nos morreram,
outros, o que é mais triste, envelheceram,
mas há um sempre moço e sempre bravo!),
foram esses rapazes
que, numa Europa chata de caixeiros
e lojistas de Estado,
resgataram a nossa decadênci
em tempo tão mesquinho,
e fizeram com que esse
César do férreo norte
que amava as artes bélicas
a seus braços chamasse
o capitão Mousinho!

Mousinho!, meu patrício,
glória entre puras glórias,
alto deslumbramento
da minha juventude!
Filho desta província bem-amada
e toda, toda, toda povoada
de mosteiros, castelos e Memórias!

Por ti, Mousinho, invoco
os lugares sagrados
desta piquena pátria que adoramos
na grande, a de confins ilimitados:
Alcobaça – esse berço
de Portugal menino;
Batalha – a Vila Heróica,

Memória da Vitória;
Tomar – o povo cresce, o povo embarca...
E à roda destas pedras
encharcadas em alma
o Pinhal do Rei canta
com as ondas do mar!...

Mousinho: Portugal
bem-nascido de novo;
cavaleiro, letrado e gentil-homem
tão fidalgo e tão próximo do povo
que eu o vi de jaleca e chapéu largo,
enrolando um cigarro
e dizendo, com o seu sorriso que era
o de um intelectual
e o mais fino de todo o Portugal:
– Ah!, como maça a gente o ser-se herói...

Ó selva de infinitos Gungunhanas,
Lisboa das centrais repartições!
Foste o novo Albuquerque,
destituído de honras e funções,
e ficando, nostálgico do mando,
ocioso a uma esquina do Chiado,
cheio de glórias e desempregado!

E a tua gentilíssima cabeça
(teus olhos melancólicos de sonho
eu vejo-os nos Painéis)
ia ser rebentada pelas balas
que época semelhante
te disparou tão crua,
quando sentias saudades

desse Além-mar que amaste,
onde brilhara a espada relumbrante
que era feita de Espírito,
e onde o claro juízo
da tua mente de Governador
empregara o amor
do mais puro heroísmo militante!

Então, num trem de praça
– e com quanto desdém, quanto dandismo! –,
herói, te lançaste ao abismo,
só de bem com a tua alma
e com tua Mulher cheia de graça.

PINHAL DO REI

A Rainha Santa Isabel
no areal bravo de Moel
meteu a mão no regaço,
deitou sementes ao espaço.

– Ó Pinhal do Rei, do Rei meu marido,
andará nos mares teu corpo florido!

A Rainha Santa Isabel
no areal bravo de Moel
tirou do regaço divino
as sementes do verde pinho.

– Ó Pinhal do Rei, do Rei meu senhor,
é Deus quem te sagra por navegador!

Meteu a mão no regaço,
deitou sementes ao espaço,
no areal bravo de Moel
a Rainha Santa Isabel.

– Ó Pinhal do Rei, do Rei meu marido,
dará volta ao mundo teu corpo florido!

Tirou do regaço divino
as sementes do verde pinho
no areal bravo de Moel
a Rainha Santa Isabel.

– Ó Pinhal do Rei, do Rei meu senhor,
tu serás nos mares o Navegador!

«AMOR»

MINHA vizinha aldeia de Amor,
jamais em ti os pés hei-de pôr.

Jamais em ti hei-de pôr os pés,
para te julgar como tu não és.

Donde vem teu nome, teu nome de Amor?
De Aldonça? De Grácia? De que boca em flor?

Elas eram tantas, tantas eram elas
tal o céu à noite cheiinho de estrelas!

Que belo destino entre os d'outros bardos:
– semear navios e criar bastardos!...

MEMORIAL

Ermo, que queres?

A.X. Rodrigues Cordeiro

MEU velho tio-avô era bondoso
e poeta;
se me ponho a recordar,
como Walther de Stolzing eu diria:
– Foi meu bom tio-avô
quem me ensinou
a cantar!

Quando era moço teve dias cheios
de aventura e de glória;
depois seu nome apagou-se,
mas uma pedra aviva-lhe a memória,
que para mim é doce,
na (se inda existe) Lapa dos Esteios.

(Ó doce Coimbra,
que almas, memorando,
longo tempo, chorando, hão-de lembrar...)

Na sua casa, onde passava
a metade do ano,
numa aldeia bonita e que eu não posso amar,
hospedaram-se poetas;
e a Castilho meu Pai
vira-o, junto ao açude,
debruçado nas águas, escutando

o alaúde do rio fresco e brando
– para medir talvez os versos da água pura
e sentenciar-lhe o metro e a cesura.

Mas tal sombra ficou,
como a do meu bondoso tio-avô,
para mim veneranda,
debruçada no rio,
vendo no ouvido o fio da água branda...

Ó fundo corredor,
sombrio corredor,
medonho corredor
que atravessei a tactear no escuro!
Só de pensar em ti,
de tudo o que sofri
e do só que me vi,
meu coração com aflição seguro!

No fundo corredor,
sombrio corredor,
medonho corredor,
morreu queimada aquela bem-amada,
bem-amada entre todas as mulheres
com tão perfeito amor
que depois que morreu fez um deserto
e o poeta perguntou ao lar deserto:
– *Ermo, que queres?*

Todo esse longo cântico
é falso, ultra-romântico;
mas aquela pergunta,
sem mais nada,
é nua e desolada.

Vi mais tarde o bom velho, mirradinho,
trôpego no caminho
entre a piedade da gente
e já demente.

Procurava, seguido de um criado,
pelas vinhas, no chão que se estorroa
(sobrecasaca e chapéu alto ao lado)
– a Baixa de Lisboa...

E foi assim que a minha adolescência
teve a primeira atroz revelação!
Nesses dias murchou minha inocência
e cravou-se-me a dor no coração.

Então aquele adolescente escreve
o único verso bom que eu escrevi:
Morrer moço é morrer quando se deve...

– E não morri!...

A MARIA PARDA

... e dos termos de Leirêa
dêem-lhe pão, vinho e candêa
e cama, tudo de graça.

Gil Vicente, *Testamento
de Maria Parda.*

VAL de éclogas cantante,
pastoral verdejante,
val da alvíssima Vilante,
onde dir-se-ia soa
o último arrabil,
do teu corpo rudo e langue,
bucólico caminho,
nasce, floresce e cresce
o perfumado sangue
do meu vinho!

E a ti, Maria Parda,
ó mestra soberana,
Doutora em paladar, juíza do aroma,
provadora sutil,
graças pelo carinho
com que honraste estas cepas de Leirea,
com que bebeste o sol de que a uva é cheia
no meu vinho!

Os vis mercantes de hoje!...
É só por via deles
que apenas querem grau
– judiaria imbecil! –
que a nobreza do vinho desce e foge.
Ensina-os tu, Maria
Parda, a saber julgar
com ciência e respeito
o roxo sol que nos acende o peito
para aturarmos mundo tão mesquinho!
Ensina-os a prezar
o sol roxo e aromático
do vinho!

Ó vinhas arruinadas,
adubadas com lástimas e prantos
pelos donos doridos de abandonos
e de leis negregadas,
pois que o vosso produto,
em vez de derramar
alegria e fartura em cada lar,
só cria miséria e luto,
vem cá, Maria Parda,
e ao nosso mal daninho
resolve-o tu, tu só, dama gentil:
– bebe, bebe de graça
nossos tonéis! Bebe e re-bebe, embebe
todo o teu corpo e a alma toda
em vinho!...

Entanto, cara amiga,
ilustre professora,
eminente Académica e Doutora
em aroma sutil,
recebe as claras graças de Leirea,
aceita com carinho
estes versos de pobre lavrador
que te dou com amor
numa medida cheia
do meu vinho!

AOS PINHEIROS DAS DUNAS

O que a vida fez
de vocês,
velhos pinheiros da minha infância,
árvore de ânsia!...

O que a crueza de mil invernos,
as tormentas todas esguedelhadas
de vendavais
de inferno,
fizeram desses corpos de tortura
e de aflição
– que tanto ansiais
por fugir desse chão!

Em piqueno metíeis-me medo;
minha Mãe ria e dizia – Medroso! –
Que querem?, vocês faziam-me nervoso;
e só muito mais tarde, meus amigos,
deixei de vos olhar como a perigos,
como a cobras de horror;
só mais tarde entendi vosso segredo
e compreendi a trágica beleza
da vossa dor!

Ó marinheiros pinheiros,
gajeiros da tempestade!
Náufragos arrojados
à duna! Cristos pregados
na areia que vos tem crucificados:
– fazeis-me dor e saudade,
a saudade de mim, a mais cruel,
meus pinheiros de Moel!

A saudade do tempo
em que vos eu temia,
porque, inocente, ainda não sabia,
ó trágico-marítimos!,
que sofreis e suais
e morreis de guardar
a floresta que vive e reverdece
e cresce
à sombra desse lento agonizar!

O que a vida fez
de vocês,
velhos amigos da minha infância
que eu amo como avós!

Como tudo vai longe na distância...

Amigos, o que a vida faz de nós!...

À SENHORA MARIA LARANJO
da Praia da Nazaré

MINHA boa Amiga senhora Maria Laranjo, da praia da Nazaré, em quem tanto admiro essa fidalguia de um povo que na Europa o mais fino é, muito agradecido pelo almoço Real que aí me deu junto às ondas do mar; tivera Camões comido um igual, fazia-lhe versos, mas não a zombar.

Minha boa Amiga senhora Maria Laranjo, da praia da Nazaré, por minha mulher a receberia (se a minha Amiga quisesse, já se vê) se acaso a conheço quando era solteiro, para ser agora – ventura tamanha –, em vez de pobre doutor, marinheiro, mendigo do mar, arrais de campanha.

Estando da banda dos pobres do mar já eu não teria, como tenho às vezes, remorsos tamanhos e tão graves fezes de ver tantas dores em roda a penar; assim penaria e acreditaria como eles, por lindo milagre da fé, que depois no mar do Paraíso seria o pescador mais feliz da Nazaré!...

Mas já que eu errei, por destino fatal,
o que era a minha pura, certa vocação,
saiba que em si louvo e admiro Portugal
no que tem de belo – alma e coração.
E saibam as altas senhoras princesas
que há uma fidalga aí na Nazaré
com quem elas podem aprender finezas
e a dar um almoço que tão fino é.

INÊS DE LEIRIA

ENCONTROU Fernão Mendes
no interior da China
(e em que apuros ele ia!)
a velha portuguesa
chamada Inês de Leiria,
que de repente reza:
Padre Nosso que estais nos céus...
Era, de português, o que sabia.

Ouvindo Fernão Mendes
esta voz que soava
(Fernão cativo e cheio de tristeza!),
o Português sorria...
Padre Nosso que estais nos céus...
A velha mais não sabia,
mas bastava.

Boa Inês de Leiria,
cara patrícia minha,
embora te fizesse
a aventura imortal
de Portugal
chinesa muito mais que portuguesa
– pois por esse sorriso de Fernão
tocas-me o coração.

Deste-lhe em tal ensejo,
entre as misérias da viagem,
o mais gostoso e saboroso beijo
– o da Linguagem!

PENEDO DA SAUDADE

QUE ditoso lugar
escolheu a duquesa de Caminha
para desabafar
suas mágoas de trágica viuvinha!

Ó viúva triste! Como há poucas, poucas,
neste mundo em que tudo passa e corre!
Flor de viuvinhas, tu, em cuja boca
o beijo em prantos morre.

Aí tens o viúvo enorme
que não teve nem tem consolação
– o Mar, que nunca dorme
na viuez do infinito coração.

Desabafo larguíssimo de mágoas,
águas do mar!
O mar, acompanhador
da nossa dor.

LERENO

DERRAMOU-SE nas águas e nos ares
Deste vale, e nas árvores e flores,
A voz antiga de *Lereno*, amores,
Saudades, naturais destes lugares.

Recordam as aragens seus cantares?
Não os sabem, porém, os cavadores,
Porque não há zagalas, frautas, pastores,
Nem há contentamento e pão nos lares.

Grande poeta da lírica Bucólica,
A nossa pastoral é melancólica,
Na adega triste se envergonha o vinho.

Vem, ó Vilante alvíssima, aparece,
A ver se a tua pele inda amanhece
As sombras do ex-bucólico caminho!

NO SIGNO DE CAMÕES

DINAMENE

A cordeira gentil que eu tanto amava,
Perpétua saudade da alma minha!

Alma minha gentil que te partiste...

Camões

A cordeira gentil
que enterneceu Camões
foi decerto a mulher
única que o amou
e que amoravelmente remendou
suas roupas de pobre vagabundo
repartido em pedaços pelo mundo.

Foi ela só quem deu
a ilusão dum lar,
entre tanto naufrágio em tanto mar
de tantos, tantos desenganos,
ao solteirão boémio dos Oceanos.

Nem a dos olhos verdes,
nem a Dama Real do Mau-Olhado
ou a nobre Francisca
amaram o Inconforme
de alma enorme.